

RESGATE DE TEXTOS GEOGRÁFICOS

RESGATANDO TEXTOS CLÁSSICOS

O ano de 1978 constitui uma data muito importante para a geografia brasileira; sua simples menção traz à mente uma série de acontecimentos que tiveram por resultado a implantação, no Brasil, da corrente de pensamento denominada por uns de *Geografia Crítica* e por outros de *Renovação da Geografia*. Mesmo existindo pequenas diferenças entre essas duas tendências, uma *geografia nova* se colocava na pauta de discussões como necessária à superação tanto da corrente *quantitativista* e *teórica*, quanto da corrente da *percepção* e da *tradicional ou clássica*, referindo-se apenas às mais importantes do pensamento geográfico de então.

O que aqueles novos *geógrafos novos* propunham então, como matriz teórico-metodológica, para superar um passado acusado de ineficaz e de ciência "a servi du régime"? Ora, para compreender aquela nova proposta é preciso pensar o que era o Brasil de então, um país (des)governado por uma ditadura militar (como boa parte da América Latina no mesmo período) fortemente atrelada aos Estados Unidos, com considerável cerceamento da liberdade de expressão da sociedade associada a uma redução do raio de reflexão das ciências humanas e sociais a uma condição fortemente positivista e destituída de qualquer perspectiva crítica; um país cujos governantes adotaram a concepção de que o sistema escolar público deveria ser acessível somente a uma pequena parcela da população e ter por objetivo principal a formação de mão-obra, ao contrário da finalidade clássica da escola laica e de qualidade que objetiva formar cidadãos conscientes, aspecto de fundamental importância para a constituição de um país independente e de uma sociedade livre.

Inspirados nos movimentos em prol da liberdade, que marcaram vários países ocidentais no final dos anos sessenta (Maio de 68 na França, Primavera de Praga, Movimento Estudantil de 1968 no Brasil etc.), alguns geógrafos propunham, então, novos caminhos para a geografia brasileira. Ela deveria: se tornar uma ciência vinculada às mudanças sociais demandadas pela sociedade de então, uma ciência comprometida com seu tempo e com o desmascaramento das mazelas sociais. O apelo ao marxismo – e portanto ao materialismo histórico e dialético – e seu emprego na análise geográfica marcam então aquela *geografia nova*. Foi em Fortaleza, no encontro realizado pela Associação Brasileira de Geógrafos (AGB), e no momento em que a ditadura brasileira evidenciava sinais claros de enfraquecimento e crise, que um grupo de geógrafos

tornou a cena principal do evento e inaugurou a corrente da *geografia crítica* ou da *renovação da geografia brasileira*.

Foi neste cenário de mudanças, de proposta de nova postura teórico-metodológica e de novos caminhos para a geografia brasileira que a figura do polêmico Milton Santos se destacou. Recém-chegado do exterior e portador de idéias vanguardistas, que marcavam alguns geógrafos na França e nos Estados Unidos, ele consegue convencer a vários colegas da importância da geografia na transformação da sociedade; todavia, o movimento que se constrói na sequência vai apresentar tendências tanto extremistas e radicais, quanto mais abrangidas. É a partir de então que a história de Milton Santos tornar-se-á cada vez mais a da história da geografia brasileira, sendo impraticável falar de uma sem falar do outro.

Uma breve análise da obra deste grande geógrafo permite identificar, com facilidade, sua versatilidade, sua considerável erudição e sua preocupação com a transformação da sociedade. A evolução de sua abordagem geográfica leva o leitor a constatar um amadurecimento ímpar de sua visão de mundo, permitindo considerar que, nas últimas duas décadas, o perfil do intelectual profundo e questionador teria se destacado em relação ao, anterior, geógrafo vanguardista e combativo, algo como a substituição do *geógrafo militante* pelo *intelectual acadêmico*. É verdade que estas duas dimensões do cidadão não se excluem uma à outra, apenas uma se destaca mais que outra na história recente da vida do personagem.

Os textos, apresentados a seguir, buscam resgatar alguns aspectos desta bela página da história da geografia brasileira que é aquela vinculada à contribuição de Milton Santos. O primeiro texto, escrito pela professora Maria Auxiliadora, da Universidade Federal da Bahia, sua amiga e colega, resgata parte de sua vida e obra, enquanto o segundo constitui uma reprodução de um texto publicado nos *Cadernos do Cege* – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de São Paulo – no final da década de 1970, que é base de uma série de palestras ministradas por Milton Santos, em várias universidades brasileiras, nesse momento. O texto evidencia o caráter militante de sua geografia de então, ao mesmo tempo em que explicita as preocupações do personagem com a ação dos geógrafos e seu importante papel na transformação da sociedade; ele é um texto, sobretudo, ilustrativo, pois revela, de maneira surpreendente, para aqueles ligados somente às obras mais atuais, o pensamento combativo que marcou um período muito importante da história geográfica do “jovem” Milton Santos, período que constitui um marco epistemológico para a história da Geografia.